A Sarah, Jules-Vincent, Samuel, Cindy
e aos nossos pequenos. E a todas e todos os
Ulisses e Camille já entre nós e vindouros.

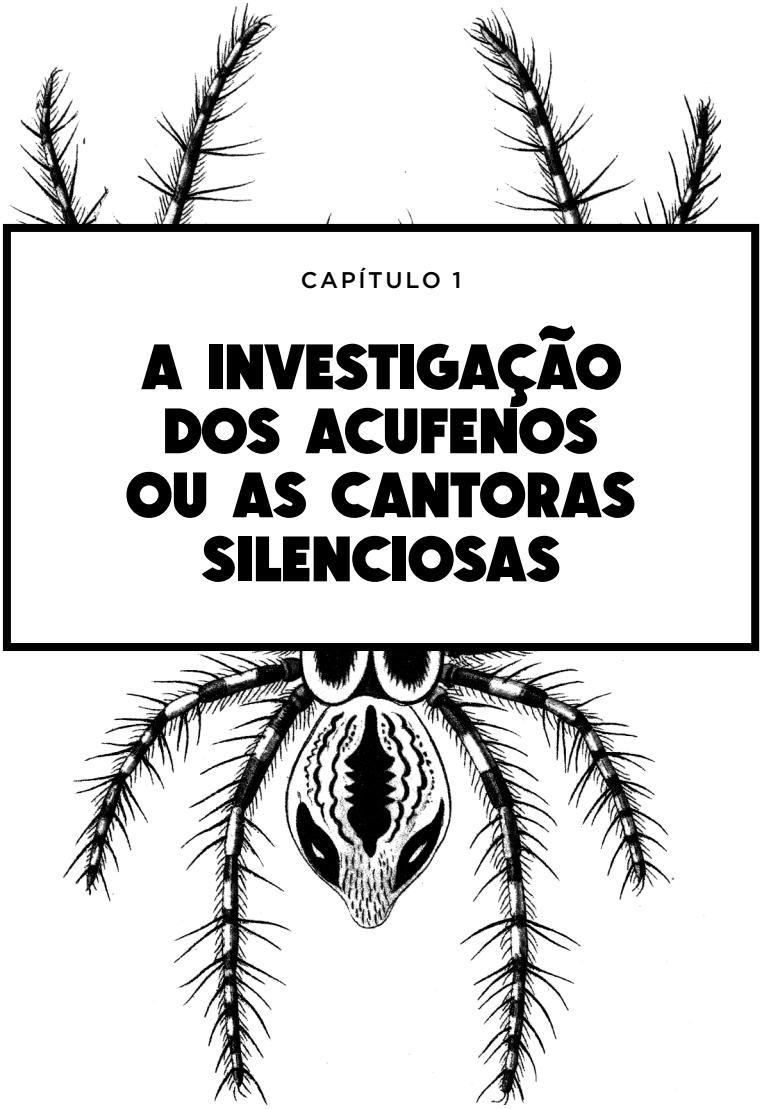
GLOSSÁRIO

GEOLINGUÍSTICA (*n. f.*): a geolinguística é uma vertente tardia da linguística. Surgiu no momento em que os linguistas se aperceberam de que os seres humanos não eram os únicos a forjar línguas dotadas de estruturas originais, que evoluem ao longo do tempo e que permitem a comunicação entre locutores de diferentes reinos. A geolinguística estuda as línguas de comunidades vivas e, por vezes, até de comunidades não vivas — ainda que as descobertas mais recentes que defendem a existência de linguagens entre os não vivos continuem a ser alvo de controvérsia. Mais tarde, a geolinguística dará origem à terolinguística, especializada no estudo das formas literárias entre os animais e as plantas.

TEROLINGUÍSTICA (*n. f.*): o termo «terolinguística» foi formado a partir do grego *thèr* (θήρ), «animal selvagem». Designa o ramo da linguística que se dedicou a estudar e a traduzir as produções escritas por animais (e, posteriormente, por plantas), seja na forma literária do romance, da poesia, da epopeia, do panfleto ou até do arquivo… À medida que esta ciência for explorando o chamado mundo selvagem, surgirão outras formas expressivas que ultrapassam as categorias literárias humanas (e que pertencerão então a outro campo de especialização, o das ciências cosmofónicas e paralinguísticas). A primeira ocorrência do termo «terolinguista» remonta a 1974, num conto de antecipação de Ursula K. Le Guin, «The Author of the Acacia Seeds.

And Other Extracts from the Journal of the Association of Therolinguistics» [A Autora das Sementes de Acácia e outros excertos do *Journal of the Association of Therolinguistics*].

TEROARQUITECTURA (*n. f.*): literalmente, «arquitectura do selvagem». Embora um campo precursor da teroarquitectura se tenha desenvolvido em finais do século XX, nomeadamente por impulso do especialista em abelhas Karl von Frisch, e ainda que numerosas pesquisas sejam, ao longo do século XXI, empreendidas para estudar as construções animais, o termo «teroarquitectura» só surgirá tardiamente. Designará não só o estudo dos *habitats*, mas também o das infra-estruturas mais diversas criadas pelos animais (estradas, estruturas subterrâneas, sinalética, monumentos, corredores de migração, etc.) e interessar-se-á em particular pelas dimensões artísticas, simbólicas e expressivas desses artefactos.



CAPÍTULO 1

A INVESTIGAÇÃO DOS ACUFENOS OU AS CANTORAS SILENCIOSAS

Qual a linguagem falada pelas coisas do mundo para que nos possamos entender com elas por contrato? [...] É certo que desconhecemos a língua do mundo, ou só conhecemos dela as diversas versões animista, religiosa ou matemática.[1]

Michel Serres

Busco, portanto, histórias verdadeiras que sejam, ao mesmo tempo, fabulações especulativas e especulações realistas.[2]

Donna Haraway

NOTA DA AUTORA DO PRESENTE RELATÓRIO

A investigação sobre os acufenos constituiu um momento crucial na história dos estudos dedicados às artes expressivas nos mundos animal e vegetal. Foi uma investigação longa e difícil, mas tanto o enigma que a suscitou como o seu desfecho modificaram radicalmente o campo do saber e abriram caminho a novas metodologias de investigação. Até então, a Associação Histórica de Terolinguística encarregara-se da tradução e análise das literaturas selvagens. Contudo, em determinado momento, verificou-se que os seus métodos e a forma como definia o seu campo de investigação, por muito

heuristicamente fecundos que fossem, excluíam da prática literária um grande número de espécies que, suspeitava-se, teriam desenvolvido formas romanescas, poéticas, líricas ou panfletárias notavelmente sofisticadas. Esta revisão crítica foi decisiva para o sucesso da investigação sobre os acufenos. Decidimos, assim, reconstituir a sua história com base nos documentos recuperados. Neste volumoso caderno, porém, incluímos apenas os elementos de arquivo que nos pareceram essenciais à sua compreensão.

Arquivo n.º 324 (acervo da Associação de Ciências Cosmofónicas e Paralinguísticas)
Excerto da acta da reunião de constituição de uma nova associação distinta e independente da Associação de Terolinguística

Os membros do comité científico quiseram, em primeiro lugar, saudar unanimemente os imensos progressos que a Associação de Terolinguística alcançou até à data. Lembremos, em particular, os possibilitados pela descoberta de fragmentos de mensagens de formigas encontrados, na forma de vestígios de exsudação de glândulas, em sementes de acácias cuidadosamente dispostas.[3] A aposta na possibilidade de se tratar de uma mensagem explícita e deliberada deixada por uma formiga anónima foi arriscada, mas revelou-se vencedora. É verdade que a análise dos fragmentos e, sobretudo, a sua tradução suscitaram numerosas controvérsias entre os terolinguistas — dado que as formigas não utilizam a primeira nem a segunda pessoa na formulação dos verbos, era difícil traduzir com precisão enunciados como «comer os ovos!». Da mesma forma, era igualmente complicado compreender o grito «em cima a

rainha!» num mundo em que o «cima» representa precisamente o perigo e aquilo que deve ser evitado — não deveria ser, antes, interpretado de forma não etnocêntrica como a expressão de uma revolta: «Abaixo a rainha!»? A ideia, até então inimaginável, de uma possível poesia panfletária entre as formigas constituiu um passo decisivo e abriu o campo da teroliteratura a uma multiplicidade de formas expressivas até então negligenciadas. Do mesmo modo, podemos felicitar os nossos colegas pelo brilhante estudo da escrita cinética coral nos pinguins-de-adélia.

Não faremos o inventário de todos os êxitos, sendo o mais notável, sem dúvida, o de reconhecer às aranhas — corrigindo assim uma injustiça de longa data — a verdadeira maternidade daquele que é *o* método das ciências históricas por excelência: a invenção do arquivo. Isto porque as aranhas estiveram, de facto, na origem desta magnífica invenção. Tratou-se de uma descoberta muito importante *na* história e *para* a história. As aranhas foram as primeiras a desenvolver uma tecnologia de conservação dos acontecimentos, uma vez que as teias, antes mesmo de ser armadilhas, elementos de arquitectura ou do território, constituem a memória material e externalizada de condutas, técnicas e estilos[4] — *cartografias sedosas de memórias em constante evolução*. Não há melhor forma de qualificar o arquivo e de dar (finalmente) o devido crédito às aranhas pela criação desta preciosa ciência. E, graças a este reconhecimento, essas teias puderam, finalmente, figurar na lista do Matrimónio Mundial da UNESCO.

No entanto, o apelo lançado pelo nosso saudoso presidente no seu último editorial não foi seguido, nem sequer ouvido. A verdade é que, como ele nos alertou, essas pesquisas sobre as formas linguísticas animais (poéticas, líricas ou até científicas), por mais interessantes que sejam, continuam a ser limitadas

por um terrível viés: privilegiaram sempre o cinético. E *o privilégio do cinético*, da expressão em movimento, é o privilégio do *visível*. É verdade que a relevância deste privilégio está na existência de vestígios e na sua possível conservação (nomeadamente através da fotografia ou do vídeo), mas conduziu os geolinguistas a negligenciarem uma parte inestimável do universo comunicacional dos animais (sem falar do das plantas: tentem, com este método, captar «os cantos delicados e transitórios do líquen»[5]). Lembremo-nos das palavras do apelo do presidente: «No passado, fizemos o esforço louvável e necessário de renunciar ao privilégio do audível que contaminava as pesquisas linguísticas e confinava os animais ao estreito campo das literaturas orais. É agora necessário alargar o nosso campo de investigação e ambicionar procurar obras não visíveis.»

É certo que o dever que temos para com a verdade histórica nos obriga a mencionar que esse «esforço louvável e necessário de renunciar ao privilégio do audível» a que o presidente se referia não foi, ao que tudo indica, tão voluntário ou pacífico quanto o termo «esforço» parece sugerir, uma vez que dele resultou a saída dos ornitolinguistas da nossa associação.[6] Mas não é necessário regressar a esse triste episódio; concentremo-nos antes naquela que é a proposta verdadeiramente revolucionária do presidente: era imperativo romper com o privilégio do visível, que limitava consideravelmente o futuro das investigações. Passava agora a ser missão dos terolinguistas dedicarem-se à descoberta e à tradução de vestígios *não audíveis e não visíveis*. O presidente estava convicto de que esses vestígios deviam existir e de que *tinham um sentido*. E esse sentido só poderia ser descoberto através da análise de efeitos cuja dimensão, naquela época, apenas se podia começar a imaginar.